

RODA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICA DIALÓGICA DE APREENSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO MUNDO

Lilian Rodrigues Martins Pereira; Orientador Antonio Francisco Marques

(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus Bauru, lilianejosemairon@gmail.)

Resumo: O trabalho teve por objetivo desenvolver a participação das crianças na sala de aula, como espaço de diálogo e ressignificação do mundo, em uma classe de Educação Infantil de uma Rede Municipal de Ensino do interior paulista. O relato de experiência destaca a importância da linguagem para a constituição do sujeito crítico e criativo, dentro das concepções dos autores Bakhtin e Vygotsky. O procedimento metodológico utilizado foi o da roda de conversa. Os resultados da proposta de trabalho foram positivos, pois agregaram aos alunos novos comportamentos, a escuta, o respeito ao outro, a expressão das ideias de maneira crítica e criativa, a relação entre os gêneros trabalhados e suas vivências, tanto no ambiente escolar como no familiar, além de oportunizar um espaço para questionamentos e argumentações, ampliando assim a visão de mundo.

Palavras-chave: Educação Infantil, Roda de leitura, Prática dialógica.

1. INTRODUÇÃO

“Escutar envolve receber o ponto de vista do outro, abrir-se para o entendimento da sua hipótese, identificar-se com sua hipótese para a compreensão do desejo. Para falar, não basta ter boca, é necessário ter um desejo para comunicar; pois todo o desejo pede, busca comunicação com o outro.” (FREIRE, 1992, p. 11)

O trabalho apresentado é o relato de experiência vivenciada em uma escola de Educação Infantil do Interior Paulista, com crianças com a faixa etária entre 4 e 5 anos de idade, com a roda de leitura como prática que oportuniza a participação de forma dialógica, aspecto importante para a formação integral do sujeito ativo, participativo e crítico no seu contexto de vida.

O interesse pelo desenvolvimento desta prática se deu em decorrência da atuação da autora na Educação Infantil e após reflexões realizadas a partir das aulas e textos da disciplina “Educação Básica: um desafio conceitual, político e pedagógico”, do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica.

A Educação Infantil é uma etapa de ensino prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 5 anos (BRASIL, 1996).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) postulam que as interações e a brincadeira devem ser os eixos norteadores para as práticas pedagógicas na Educação

Infantil. E o enfoque está no conhecimento de si e do mundo, nas formas de expressão, confiança, autonomia, diversidade, curiosidade e interação.

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil também destacam a importância da formação pessoal e social da criança (BRASIL, 1998). O RCNEI (1998, p. 31) destaca ainda a interação social como uma importante estratégia do professor para garantir a aprendizagem das crianças, cabendo a ele:

[...] propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima.

Dessa forma, faz-se necessário repensar e refletir sobre a participação das crianças no contexto da Educação Infantil.

Se as crianças são concebidas como atores sociais, sujeitos de direitos, é necessário considerá-las como seres concretos que vivenciam a infância como construção social, dentro de suas singularidades e historicidades.

Nesse processo deve-se considerar a pluralidade e a heterogeneidade dos sujeitos. Superação da crença que a criança é um ser passivo, objeto a ser moldado pelos adultos. Na escola precisa-se criar espaços de diálogo onde seja possível a participação da criança, através das diferentes linguagens, como agentes ativos que influenciam e interagem com o mundo, dando sentido a sua existência como ser individual e social. Pois a aprendizagem como destaca Maria Teresa Esteban:

[...] depende do encontro com o outro, portanto, a manutenção da cultura do silêncio impede uma efetiva incorporação de todos nas práticas escolares cotidianas. A expressão no coletivo dos diferentes discursos que constituem as interações escolares dá potência às possibilidades de construção de uma escola vinculada ao projeto de educação popular. (ESTEBAN, 2007, p.16)

É importante prestar atenção nas crianças, considerar aquilo que vivem e dizem, criar espaço para se expressarem, a fim de poder entendê-las e que estas sintam-se acolhidas e ouvidas.

O estudo teve como objetivo desenvolver a participação das crianças na roda de leitura. A roda foi escolhida, por ser um espaço que oportuniza o diálogo e a participação. E por ser um momento que deve ir além da leitura literária, configurando-se como espaço no qual todos os sujeitos podem interagir de forma dialógica.

A participação das crianças na escola deve estabelecer-se em relações horizontais, fundamentada no reconhecimento da criança como sujeito de direito concreto, que vivencia a infância como processo de construção histórica e social, em sua diversidade e heterogeneidade.

Concorda-se com Agostinho sobre a participação como:

[...] uma percepção ampla que inclui o direito das crianças de se expressarem e, tendo impacto no seu contexto social, obtendo dos adultos apoio para fazê-lo. Importante compreender que o conjunto de conceitos relacionados, que se imbricam com o de participação, tais como liberdade de expressão (ideias, sentimentos, emoções, corporeidade, afetos, humor, ludicidade, etc.); escolha; influência são elementos que se cruzam numa rede complexa de conceitos, que impulsionam a multiplicidade e acolhe o tempo e as vivências das crianças para que tornem parte em seus próprios termos. Uma forma de participação mais complexamente pensada e que acolhe as diferentes crianças e suas formas diversas de ser e estar criança em seus modos de vida. (AGOSTINHO, 2010, p.113)

Os processos educativos participativos concebem a criança como um sujeito ativo e possibilitam a mesma, espaço para argumentar, questionar reivindicar, solicitar e tomar decisões, respeitando-a e considerando-a em sua singularidade e historicidade. Oliveira (2010) destaca a importância da valorização da participação da criança na Educação Infantil.

A roda de leitura possibilita a valorização da participação das crianças dentro de uma prática dialógica. Configurando-se como um espaço onde ocorre a troca entre os alunos e com a professora, dentro de suas especificidades e singularidades.

Enfim, a roda de leitura é um recurso didático que dá voz às crianças nas práticas educativas para que desenvolvam “o caráter mais original da condição humana” que é a palavra (MORIN, 2000).

Nesta experiência pôde-se vivenciar práticas de leitura de diferentes gêneros textuais, tanto os do cotidiano como a receita e o bilhete, como os que tratam das essencialidades humanas, como o conto e a fábula, criando espaço para uma prática dialógica, na qual as crianças são capazes de aprender, de refletir, de questionar, de argumentar ou de refutar aquilo que ouvem, veem, percebem e pensam. E é nesta relação do sujeito com o texto, com o professor, entre os pares e com a cultura que a criança inicia o processo de apropriação da língua (RCNEI, 1998, vol.3, p. 117).

Na roda de leitura os alunos tiveram acesso a diferentes gêneros do discurso, para que pudessem vivenciar diferentes tipos de leituras. Quando se traz o mundo, para dentro da sala de aula, cria-se a possibilidade aos alunos de vivenciarem o encontro com o outro e ampliarem sua

visão de mundo. É inconcebível que os alunos no primeiro dia sejam os mesmos que no último dia. Os educadores têm o compromisso de mediar o desenvolvimento da capacidade de análise e crítica da realidade que os envolve, uma compreensão totalizante que os levará a se tornarem protagonistas dos processos individuais e coletivos de humanização.

Entende-se a linguagem como uma prática social que permite a apreensão e a resignificação do mundo e possibilita a apropriação do conhecimento. Na relação com o outro, leva-se as singularidades e historicidade e o outro da mesma forma as traz. Nesta interação é imprescindível o uso das linguagens, pois através delas entende-se e dá significado ao mundo. Aliás, em todas as esferas da vida faz-se necessária a linguagem mediando o encontro com o outro (WARSCHAUER, 2001).

Neste aspecto concorda-se com Bakhtin (2006) sobre a linguagem possuir uma função social sendo um instrumento de mediação entre o homem e o mundo, por meio da qual as relações sociais se estabelecem nas esferas das atividades humanas. Se a linguagem é interação social e o sujeito tem sua historicidade, convive-se com a diversidade e heterogeneidade das vivências, sendo assim, não se pode esperar que estes sujeitos tenham experiências uniformes. Eles são diferentes, é preciso ampliar suas experiências dentro de suas historicidades e singularidades, e isto se faz por meio da língua.

Segundo Vygotsky, o homem é um ser histórico e social e se forma em suas relações com o mundo, objetivado e concreto. O homem não nasce humano, se humaniza nos processos históricos e sociais. E sua potencialidade e desenvolvimento intelectual serão conquistados em suas relações sociais e culturais com o mundo. No entanto, cabe destacar que a interação social é um processo no qual as dimensões cognitiva e afetiva não podem ser dissociadas. Por meio da interação social, a criança apreende, se forma, cria e transforma. Isto implica em percebê-la como sujeito ativo que participa e interfere na realidade, possibilitando a ela resignificar o mundo.

Para Vigotskii (2012, p.115):

[...] aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente.

O objetivo principal da educação infantil é contribuir para a aprendizagem, bem como para o desenvolvimento dos aspectos físicos, cognitivo, emocional e social da criança.

2. METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido durante o ano de 2017 e teve duração de 3 meses. Sendo sujeitos a professora-pesquisadora e 27 alunos com a faixa etária entre 4 e 5 anos de idade, em uma Escola de Educação Infantil do Interior Paulista.

Os encontros aconteciam diariamente no início da aula e sua duração era de aproximadamente 50 minutos. Primeiramente, fazia-se perguntas de pré-leitura. Em seguida o gênero era lido e eram confirmadas as hipóteses inferidas pelos alunos. Como produto final os alunos recontavam a história, discutiam sobre o gênero apresentado, os relacionavam com suas vivências e desenvolviam atividades tais como: desenhos, dramatização, jogos e brincadeiras relacionadas a temática.

As atividades educativas foram desenvolvidas dentro da concepção de leitura como processo cultural, que ganha significados e delineamento dentro dos grupos sociais. O trabalho pedagógico era intencionalmente organizado, na apresentação dos gêneros textuais do cotidiano e os gêneros textuais secundários às crianças, através das rodas de leitura. Foram trabalhados nas rodas de leitura, além dos gêneros textuais presentes no cotidiano, os gêneros que trabalham as essencialidades do ser humano, tais como: o conto e a fábula, através deles pode-se ver as relações humanas de uma forma lúdica. Estes gêneros mostram os grandes dilemas humanos (inveja, traição, tristeza e etc.), elas conseguem relacioná-los como fazendo parte da vida humana. Além disso os textos de narrativa ajudaram a trabalhar conceitos como causa e consequência, antes e depois e tempo e espaço.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A roda de leitura foi um instrumento pedagógico importante que auxiliou o trabalho educativo, de forma participativa e lúdica. Permitiu que as crianças ampliassem seu repertório de palavras, além disso elas puderam questionar e argumentar frente ao lido e ressignificar o mundo.

Por meio de suas interações, do ouvir, do falar, do dramatizar, do brincar foram construindo novos significados, no sentido de se estar construindo uma escola popular como defende Esteban

(2007). Pôde-se perceber a ampliação do repertório linguístico, na compreensão do mundo, na participação ativa, na interpretação dos gêneros, nas reflexões, na criatividade e na criticidade.

Foram utilizados diversos recursos e técnicas na apresentação dos gêneros do discurso, bem como a roda de leitura aconteceu em diferentes ambientes da escola. No decorrer do processo houve a necessidade de algumas intervenções e adaptações para que as crianças, dentro de sua fase de desenvolvimento e sua singularidade tivessem suas necessidades observadas ao longo do processo.

No início do ano as crianças não se atentavam tanto para as histórias, acredita-se que porque não estavam acostumadas a ouvi-las. Contudo, ao longo do trimestre, apresentaram uma melhora significativa tanto na concentração, como na participação através de questionamentos e argumentações sobre as temáticas. A prática agregou aos alunos novos comportamentos como a escuta, o respeito ao outro e a expressão de ideias de maneira crítica e criativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A roda de leitura possibilitou dentro de um contexto interativo e dinâmico a participação ativa das crianças, proporcionando relações profícuas com a leitura. Por meio dos gêneros, aprendem a usar a língua em diferentes situações e contextos, sendo desafiadas a pensar e refletir sobre ela e sobre o mundo, através de práticas dialógicas.

Enfim, a construção de uma educação dialógica que leva os seus protagonistas a se comunicarem, como bem pontua a referência de Freire, no início deste relato.

Este momento possibilitou o desenvolvimento da criatividade, criticidade e da ressignificação do mundo. Além de promover maior proximidade e relação afetiva entre a professora e as crianças e as crianças entre si. O trabalho evidenciou a importância do planejamento e registro das observações durante o processo, pois estas ferramentas permitiram ampliar, redirecionar e adequar as práticas.

Com base nos dados obtidos, pode-se concluir que a experiência foi relevante e atingiu o objetivo esperado que era desenvolver a participação das crianças na sala de aula, como espaço de diálogo e ressignificação do mundo.

No entanto, esta prática deve ter continuidade, pois a educação é um processo intencional no qual o professor é o mediador entre o conhecimento e o educando, para tanto, deve oportunizar aos alunos materiais, espaços e vivências que estimulem a aprendizagem com sentido e significado, para que estes se desenvolvam e participem de forma crítica, consciente e criativa no mundo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. Braga: Universidade do Minho, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: CNE, 2009.

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibplex, 2007.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação Popular: Desafio à democracia da Escola Pública**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 9-17, jan./abr. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FREIRE, Madalena et al. **Rotina e construção do tempo na relação pedagógica**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção, JOBIM, Solange e KRAMER, Sonia. **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Eu: janela através da qual o mundo contempla o mundo. 24ª ANPED, **Sessão Especial: Tecnologia e Subjetividade**, Caxambu, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Atlas, São Paulo, 2011.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**. 1ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: I **SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO – perspectivas atuais**, 2012, Belo Horizonte: Anais, 2010.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.